ANO 2.° LISBOA—QUARTA-FEIRA, 16 DE AGOSTO DE 1922 N.° 418

Diario de Lisbôa

Numero avulso: 10 CENTAVOS
Administrador e editor
MANZONI DE SEQUEIRA
Tel.: 3194 e 3195-C.—End. Teleg. DIBOA

DIRECTOR
JOAQUIM MANSO
SECRETARIO DA REDACÇÃO
ALVARO DE ANDRADE

Propriedade da RENASCENÇA GRAFICA
Redacção, administração e oficinas
RUA LUZ SORIANO, 48
Impressão: Rua do Mundo, 116

A CONCLUSÃO

Terminou a greve que, durante dez dias, manteve Lisboa em sobresaltos, uns receando o mal que dela podia surgir, outros acariciando sonhos que com ela se viriam a realizar. Tanto aqueles como estes, repostos já de receios e esperanças infundados, não farão mal, se principiarem a compreender que necessitam entrar na realidade, deixando-se de divagações perigosas.

Portugal é um organismo doente que dificilmente suporta abalos ou comoções muito energicos. Encontra-se em tratamento medico. Torna-se necessario, sobretudo, que trabalhemos para um futuro melhor, sem ambições insofridas nem arrebatamentos desvairados.

Os idealismos que aquecem demasiadamente as cabeças, por emquanto, nada representam, senão forças explosivas, indisciplinaveis para o trabalho.

O culto do passado, embora seja um elemento necessario ao equilibrio da consciencia nacional, não pode ser levado a extremos, como fazem os que julgam que só a tradição nos salvará.

Impõe-se a destruição lenta, mas continua de todos os erros e mentiras que unicamente aproveitam aos que manteem o povo ignorante, mas soberano.

A politica, que abre carreira a tantas creaturas que pela retorica se criam fama e azas para cometimentos mandibulatorios, nas verbas do orçamento, tem de regenerar-se, visto que o nosso país não aguenta tão caras digestões. Os nossos elegantes acabarão por convencer-se que, sem moral, não ha cravos que não murchem, prontamente, nas suas lapelas.

Viver á custa do esforço dos outros foi bom e facil em epocas mais credulas. A preguiça, que muita gente quiz transformar em fina flor aristocratica, definha já como planta de estufa. Os vampiros acham-se no fim do seu longo brodio. Os seus dias estão contados.

Ninguem se iluda com fantasmagorias: o mundo que agora começa a esboçar-se, entre neblinas, ha-de ser um pouco mais justo que o que a guerra destruiu, numa formidavel explosão de odios e cobiças criminosas.

Portugal, patria de nós todos, após os anos de expiação que vamos atravessando, erguer-se-á para uma vida, em que o seu grande coração encontrará o ritmo das suas horas de fé e amor.

D'ANUNZIO que muitas vezes brincou com a vida, tomando-a como um pretexto para altas rimas e gestos futeis, mas belos, nos ultimos tempos começou a perceber que ha dentro dela uma sombria fatalidade.

O desastre de que acaba de ser vitima coloca-o ás portas da morte.

Todos nós os que lêmos a sua obra de paixão e orgulho sofremos com isso.

Ainda ha dias, numa mensagem que enviou do lago de Garda e no vibrantissimo discurso que fez em Milão, ele disse aos seus admiradores:

—«A Italia, antes de tudo!»—

Se morrer, ilumina-o o deslumbramento duma Italia que o seu verbo resgatou das mãos dos maus apostolos. O espirito latino perderá um dos seus mais ilustres representantes.

* * *

UM jornalista, chegando hoje ao Parlamento, ás 8 e meia da manhã, encontrou em todos os seus postos, firmes como estatuas, até nos corredores soturnos, os continuos das duas camaras. Não havia, além deles e do jornalista, qualquer pessoa dentro do Palacio. Esta maneira simples, mas disciplinada, de companheiros tão humildes cumprirem o seu dever, contrasta singularmente com a forma equivoca como a cumprem, fóra do Parlamento, pessoas de situação e disfrute material muito mais elevados.

* * *

PROMOVIDO pela União do Professorado Primario Português reune amanhã em Coimbra o Congresso Pedagogico, relativo ao ano de 1922. Durará até ao dia 21.

* * *

O sr. ministro do Trabalho que, uma vês, por incumbencia do sr. presidente do ministerio, interveiu junto da censura, para lhe moderar os impetos, nunca mais se ocupou de tal assunto, como é natural.

A sua maneira gentil de tratar os jornalistas não se compadeceria com as violencias do lapis vermelho.

Se ele inspirasse os censores, estes começariam logo por não existir, a não ser para admirarem a prudencia da nossa imprensa.

* * *

FOI encontrado morto no leito um comerciante sueco. O leitor conhece já o caso e sabe até que as gazetas estão fartas de interrogar: «Suicidio ou crime?».

O reporter dum colega da noite inclinava-se ontem para a primeira hipotese, deslumbrando as gentes com a seguinte dedução sherlokolmesca:

«Suspeita-se que o suicidio fosse praticado no leito, devido a este se encontrar todo revolto».

Certissimo. Ficamos sabendo que os leitos só se revolvem, quando se trata de suicidios. Os crimes deixam impassiveis a alma dos seus lençois e das suas almofadas.

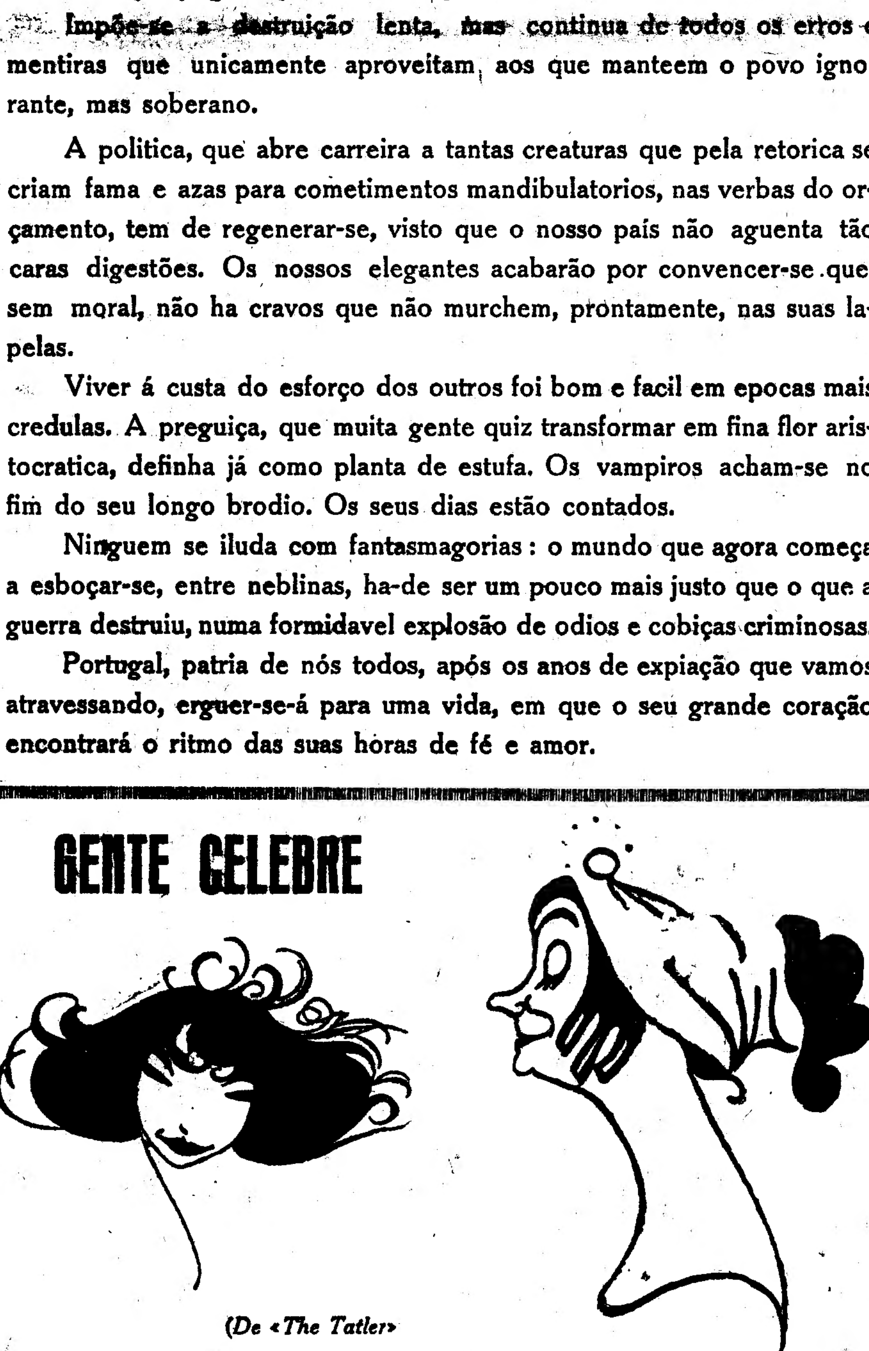
* * *

O sr. Cunha Leal que hoje deve falar sobre propostas de finanças na sessão da tarde nos Deputados terminará por enviar para a mesa a seguinte moção:

«Considerando que o projecto em discussão é inexequivel e não obedece aos principios de justiça e equidade na distribuição do imposto a Camara resolve fazê-lo baixar ás comissões e passa á ordem do dia».

Esta moção será rejeitada por reconstituintes, democraticos e alguns independentes.

GENTE CELEBRE



(De «The Tatler»

POLAIRE
YVETTE GUILBERT

SEGUNDO a proposta de lei que o governo ontem apresentou ao Parlamento, fixando em 15 por cento o lucro do comerciante, do industrial e do intermediario, os infractores ficam sujeitos a multas e prisão.

Esta perspectiva não os deve aterrar, sobretudo se o negocio fôr de arromba.

Quem está habituado a ganhar 200 e 300 por cento, corre todos os riscos para se não desacreditar, perante a sua propria consciencia, que é uma cisterna negra, e funda, onde não penetra o sol.

* * *

O livro do major Ferreira do Amaral — *A Mentira da Flandres e... o Medo* merece uma leitura demorada, acompanhada de reflexões, porque ha nele uma sinceridade tão grande que o torna unico no seu genero, entre nós.

* * *

DURANTE estes dias de greve, muitos lisboetas, surrateiramente, foram-se retirando para a provincia, irados com o desassossêgo que reinava nas ruas da cidade.

A um, que casualmente encontrámos na estação no Rossio, preguntámos nós:

— «Porque te vais embora? Lisboa é um excelente assunto para os estudiosos como tu...»

— «Gosto de estudar Lisboa, mas de longe!»

Trata-se dum homem que se apresenta como defensor da ordem e que tem uma voz que enche uma praça.

* * *

O escritor sr. Rocha Martins, que não teve ordem de prisão, ao contrario do que se dizia, encontra-se fóra de Lisboa, escrevendo o seu romance *Alta Banca* e acabando a peça *A Miseria* que vai ser representada em Lisboa, num novo teatro popular.

* * *

NOS Passos Perdidos houve esta manhã uma conferencia entre os srs. ministro das Finanças e o dr. Augusto Soares, antigo ministro dos Negocios Estrangeiros.

* * *

UMA declaração do deputado monarquico sr. Jaime Duarte Silva, a proposito da proposta apresentada pelo sr. ministro das Colonias, referente á telegrafia sem fios para as colonias:

«A minoria monarquica, considerando de vantagem para o país a proposta apresentada pelo sr. ministro das Colonias, vota-a com muito prazer. Sirva este facto para fazer calar aqueles que supõem e afirmam que nós estamos aqui para fazer obstrucionismo a todas as propostas do governo...»

* * *

TENDO o director geral de saude, sr. dr. Ricardo Jorge, de tomar parte, como delegado de Portugal, no Congresso Internacional de Historia de Medicina que em Londres começou a 17 de Julho, o ministro do Trabalho sr. Vasco Borges, concedeu-lhe, como ajuda de custo o subsidio de 5.500 francos.

* * *

HOJE no final da sessão matutina dos deputados, houve um pequeno, mas prolongado, mal entendido entre o sr. Carvalho da Silva e o ilustre presidente da Camara, dr. Domingos Pereira. A razão e o bom senso triunfaram da boa fé e do impeto dos nervos que caracterisam o vibrante deputado monarquico.

PREDIOS RUSTICOS

Mais uma carta

Sr. director do «Diario de Lisboa».—Só agora, por virtude de ausencia em serviço, tive conhecimento de que v. fez inserir no seu magnifico *Diario* de 1 do corrente, uma carta que lhe dirigi em 18 de julho para informação das pessoas que no mesmo *Diario* vinham reclamando justiça para a sua situação de proprietarios de predios rusticos arrendados, por varios anos, a dinheiro.

A essa carta acudiu o senador sr. J. Ribeiro, classificando-a pomposamente de «artigo»; e apesar de s. ex.ª confirmar que se falára no adiamento da discussão que na minha relatava, diz que insinuei que ele se desinteressára do projecto. Não quiz s. ex.ª lêr atentamente o que escrevi, pois não fui eu quem fez a afirmação.

Eu não insinuei coisa alguma; limitei-me a reproduzir o que se passou com o relator do projecto do Senado e disse-o claramente.

O sr. dr. Crisostomo certamente não contestará, nem contestou ainda, o que expuz e foi passado perante 4 testemunhas, sem contar um distinto magistrado que fez a apresentação da comissão.

Assim é que está certo.

Faço, porém, votos para que o sr. Ribeiro veja confirmada a sua suposição de ser discutido o seu projecto ainda este mês. Ninguem lhe regateará louvores pelo seu esfôrço e ninguem deixará de convir que já não é cêdo, pelo menos assim o tenho ouvido a distintos parlamentares.

Pedindo desculpa de mais esta impertinencia, que julguei dever, de repôr as coisas no seu verdadeiro pé, e agradecendo mais uma vez a deferencia do bom acolhimento a uma tão justa causa, subscrevo-me com toda a consideração

De v., etc.—*Cabral de Castro.*

10—VIII—922.

O BOM SUCESSO

Quereis poupar o calçado?
Usae o CREME CRISTALINO

Sapataria Contente, L.da

74, RUA DO CARMO, 74

TONICO RACIONAL E SCIENTIFICO
Superior aos similares estrangeiros e nacionais
Usado pessoalmente pelos
nossos primeiros medicos
CURA A
Tuberculose, Anemia, Falta de forças e de apetite
Farmacia Formosinho
18—Praça dos Restauradores—18

RUA DO AMPARO
A SAPATARIA MAIS ECONOMICA DE LISBOA
TELEF. C. 3541

CRONICA FINANCEIRA

A NOTA BALFOUR

— E —

AS NOSSAS CONTAS COM A INGLATERRA

O emprestimo de 1 milhão esterlino e os juros da divida de guerra — O pão e os sucedaneos

Chegou aquele momento em que o credor lembrou ao devedor a sua conta preguntando quando poderá mandar cobrar. Evidentemente, que a nota Balfour não foi redigida apenas para incomodar Portugal. E' um momento de arrumação de contas, e os devedores da Grã-Bretanha receberam todos igual circular. Muito logicamente a chancelaria britanica colocou-se no ponto de vista de todos os credores que apertam com os que lhe devem, quando se vê apertada pelos seus respectivos credores. A nota Balfour traduz-se, pois, comercialmente assim e a evocação dos numeros é bem a contra-prova do simile.

A Inglaterra deve 850 milhões de libras aos Estados Unidos.

A Europa deve á Inglaterra 3.400 milhões.

Os Estados Unidos lembrou o pagamento; a Inglaterra bate á porta de quem lhe deve a lembrar o pagamento.

Sensivelmente, 60 e tantos por cento dos creditos da Inglaterra na Europa são a divida alemã e a divida russa; os restantes 30 e tantos por cento devem-nos á Inglaterra os aliados: a França a Italia, Portugal, Servia, a Romania e a Grecia.

Da Russia não pode esperar por agora a menor remessa de amortização, no estado insolvente em que o proprio governo dos *Soviets* se tem colocado.

A' Alemanha é o proprio gabinete inglês o primeiro a reconhecer que se deve dar uma moratoria, E talvês, quem sabe? para politicamente e financeiramente poder levar os que assim não pensam a adotar esse criterio de cobrar a divida alemã, mas devagar, estará metade da explicação da nota Balfour.

De facto, a França terá de pedir á Inglaterra o que a Alemanha pede aos seus credores, e como não ha nada como o homem passar pelas aflições para compreender as alheias, talvês a França assim entenda a linguagem devedora alemã.

Se a França pode liquidar o credito inglês, em melhores condições se encontrará a Inglaterra para adiar a sua cobrança na Alemanha e não menos sacrificio lhe custará a moratoria que o principal vencido pede.

Tudo isto, porém, não escurece o que a Portugal cabe na nota Balfour. E' para todos os efeitos um memorandum de um credor, que na simplicidade comercial pregunta; *como e quando tencionamos pagar-lhe?*

O facto de os outros terem recebido igual correspondencia não nos exime a nós da nossa situação de devedores, nem nos alivia do encargo de pagar o que devemos.

A risonha hipotese em que a chancelaria do Reino Unido nos afirma que anularia o nosso debito, dando-o por liquidado, e que viria a ser o ter a Inglaterra recebido equivalente tratamento da parte do seu credor americano, não é mais do que a continuação da linguagem de todos os credores: «Se me não pedissem o que devo, eu de boa vontade não apoquentaria os que me devem».

Essa hipotese não é a primeira vez que se aventa e de uma maneira mais directa, e sabe-se que só tem encontrado na America do Norte a mais formal recusa. E compreende-se que os americanos se recusem a tal generosidade. Quando financeiramente lhes fosse possivel, que é; quando comercialmente lhes fosse vantajoso, que era, porque quanto mais depressa encaminhar a Europa para o resurgimento financeiro, mais depressa este cliente da America estaria em condições de acudir á crise industrial e exportadora americana; quando a America do Norte atendesse a essas duas razões—politicamente é que falta saber se ela consideraria aconselhavel esse perdoar da divida...

O juizo e a seriedade na administração ditam, pois, que nos preparemos para pagar, para não fazermos o papel de rapazes que contam com perdões de acto.

Preparemo-nos para pagar e tratemos de ver como podemos pagar, e quando, para se responder com precisão honrada á nota Balfour.

A's vezes uma transferencia de credito coloca o devedor em condições de honrar os seus compromissos... E nós não sabemos se a estas horas s. ex.ª o sr. ministro das Finanças,—que os noticiarios dizem ter conferenciado ontem com o sr. ministro da America em Lisboa,—não terá já encaminhado por aí os seus trabalhos preparatorios para se habilitar a responder áquelas duas pequeninas preguntas da nota Balfour: *como e quando tenciona Portugal pagar á Inglaterra a sua divida de guerra...*

* * *

Recordando o *memorandum* de maio, em que a Inglaterra comunicou aos aliados que cessaria a faculdade de se lhes debitarem os juros de guerra, deixando-os dormitar em conta corrente, pois que a Inglaterra teria de exigir o pagamento pontual desses juros, e relacionando as expressões desse *memorandum* —porque os Estados-Unidos convidam a Inglaterra ao pagamento dos juros da sua divida—com a nota Balfour, vê-se que nos estamos todos aproximando do doloroso mas inevitavel momento do acertar de contas.

A estes documentoa vamos nós buscar o presentimento de que seja bem pouco viavel o emprestimo de 1 milhão esterlino que o sr. dr. Ruy Ulrich, director do Banco de Portugal, o sr. dr. Oliveira Soares e o sr. Augusto Soares tentam neste momento negociar em Londres.

A quem parecerá azado para se levantar dinheiro emprestado numa praça, no mesmissimo momento em que essa praça nos lembra o nosso debitosinho da guerra?

E demais, que viria cá fazer um milhão esterlino, quando temos os juros da divida de guerra a pagar?

E' essa tentativa de emprestimo inspirada justamente na necessidade de pôr o país em condições de arcar com a proxima cobrança do encargo anual da divida.

Nesse caso, o credor inglês pagar-se-ia pelas suas mãos da importancia dos juros, e o que nos desse seria bastante para aliviar sensivelmente a balança cambial?

CASA YOST

FICAM avisados todos os ex.mos clientes de que podem procurar na **Casa REMINGTON**, rua Nova do Almada, 109, 2.º, em Lisboa ou nas suas filiais do Porto, Coimbra e Faro, todos os artigos referentes á acreditada marca **YOST**.

Telefone C. 3633
SOUZA, MOURA & C.ª, L.da
End. Tel. SOUMA
CASA BANCÁRIA
103, RUA AUREA, 105
LISBOA
COMPRA E VENDA DE MOEDAS, NOTAS ESTRANGEIRAS, PAPEIS DE CREDITO, ORDENS DE BOLSA, CHEQUES SOBRE AS PRINCIPAIS PRAÇAS DO PAÍS E ESTRANGEIRO. DEPOSITOS Á ORDEM E A PRASO. TODAS AS TRANSACÇÕES BANCARIAS

Mundanismo

Aniversarios

Fazem ámanhã anos as senhoras:

D. Maria Candida da Costa Pereira Peixoto, D. Constança Maria Torres de Noronha e Cruz Salvador e a menina Maria Luiza Braamcamp de Matos Fernandes de Vasconcelos e Sá.

E os srs.:

Artur Leite de Amorim, Manuel Guedes da Silva da Fonseca (Pangim), Augusto da Fonseca Magalhães Talone da Costa e Silva (Almarjão) e Vicente de Paiva de Faria Leite Brandão.

—Faz hoje anos o sr. João Pinto Moreira Teles de Vasconcelos.

Casamentos

No mês passado realizou-se na egreja de S. Gonçalo de Angra do Heroismo, o casamento da senhora D. Maria Henriqueta Machado Pamplona Corte Real, interessante filha da senhora D. Henriqueta de Sousa Pereira Pamplona Corte Real, já falecida e do sr. João Pamplona Corte Real, com o sr. Manuel Pacheco, tendo servido de madrinha a senhora D. Emilia de Magalhães Pamplona Corte Real, prima da noiva, e os srs. Francisco Machado Pamplona Corte Real, irmão da noiva, e o tenente coronel de artilharia Francisco de Paula Rego de Menezes Camelo Borges.

—Há dias realizou-se na paroquial igreja de S. Sebastião da Pedreira, o casamento da senhora D. Deolinda da Fonseca, interessante filha adoptiva da senhora D. Fanny Carrington da Fonseca e do sr. Roberto da Fonseca, com o sr. Antonio Pinto Teixeira, filho da senhora D. Adelaide Pinto Teixeira e do sr. Antonio Damaso Teixeira.

Serviram de padrinhos por parte da noiva o sr. dr. Miguel dos Santos e sua esposa, e por parte do noivo seus primos o sr. dr. Fernando da Cunha e sua esposa.

Celebrou o acto o reverendo dr. Manuel Anaquim, vigario geral do patriarcado, que antes da missa fez uma brilhante alocução.

Findo o acto religioso foi servido em casa dos pais da noiva um fino *lunch*, seguindo os noivos para o Estoril, donde partirão ainda esta semana para o Minho, onde vão continuar a passar a lua de mel.

Na *corbeille* via-se grande numero de artisticas prendas.

—No proximo mês de outubro deverá realizar-se o casamento da senhora D. Maria Tereza de Arriaga Borges de Sousa, com o sr. Manuel Ximenes Sandoval Teles.

Diplomatas

Encontra-se na Mont'Estoril com sua esposa e gentil filha o ilustre secretario da legação da Argentina em Portugal, sr. Pondal.

Pontos de reunião

Agenda

A nossa sociedade «smart» que ainda se encontra em Lisboa dará ámanhã «rendez-vous», de tarde, na tradicional «matinée» do Cinema Condes e, á noite, nas recitas da moda dos teatros Eden e Maria Vitoria, respectivamente com as peças «As duas garotas de Paris» e «Lua nova».

Em viagem

Partiu para as Caldas da Rainha, donde seguirá para a Figueira da Foz, o distinto advogado sr. Sacadura Cabral.

—Encontra-se já na sua casa de Cascais, acompanhado de sua esposa a senhora D. Maria de Lourdes Tito de Vasconcelos Thompson, que ultimamente tem passado um pouco incomodada de saude, o sr. Jaime de Vasconcelos Thompson.

—Das suas propriedades em Chaves, regressou a sua casa em Lisboa, a senhora D. Maria Alda Montalvão Borges de Carvalho, esposa do sr. Ernesto Borges de Carvalho.

—Em viagem de estudo partiu para Paris, a distinta medica senhora D. Isabel Pereira.

—Da sua casa de Abrantes partiu para as Pedras Salgadas com sua filha a senhora D. Maria do Ceu de Sousa Falcão Mena e Silva e sua gentil neta D. Fernanda, a senhora D. Maria Alexandrina de Sousa Falcão Pacheco Mena.

—Com sua esposa a senhora D. Maria Gomes Neto Ferreira, partiu para a sua casa na Figueira da Foz, o sr. Alvaro da Fonseca.

—Regressou a Lisboa, o sr. Joaquim Ferreira Borges.

—Partiu de Angra do Heroismo, para a Graciosa, com sua esposa a senhora D. Maria Joana Folque de Sousa Magalhães e gentil filhinha Maria da Graça o sr. dr. Eduardo de Sousa Magalhães.

—Para a sua quinta do Rosario partiu de Angra do Heroismo, com sua familia, o sr. dr. Diogo de Barcelos Machado de Betencourt.

—Para o Faial, partiu com sua esposa, a senhora D. Maria Adelaide de Lemos de Betencourt de Menezes e gentis filhinhos, o sr. dr. Manuel de Menezes.

—De Almoster partiu para a Figueira da Foz o sr. Guilherme Guedes de Amorim.

O BOM SUCESSO

CONTENTE, L.DA

CALÇADOS CHICS

RUA DO CARMO, 74

NA ARTE, NA LITERATURA E NA VIDA

O FRANCESISMO E A GERAÇÃO NOVA

por Abreu Bacelar

Ser velho significa actualmente ter como ideal a normalidade fisiologica: conservação e procreação regulares. Numa época de morte é logico que assim seja. As coisas valem como modos de vida, e é com um intimo despreso que pelos velhos são tratadas as mais belas questões. Falando do francesismo dirijo-me apenas á geração nova.

Portugal nunca compreendeu o espirito da França. A primeira influencia deste país foi acidental do seculo de La Rochefoucauld e de Racine tiramos o academismo. Por isso, quando de Paris desapareceu a cultura, a influencia francesa ficou. E' certo que houve ainda na França grandes homens. Hoje porém nada ha. A antiga senhora do mundo entrou na maior decadencia. Desapareceu o seu grande engenho. Anatole France, que sintetisou derradeiramente o espirito da raça, já não é deste seculo. Uma chuva de «ismos» inundou a França. Paris é a cidade das escolas: os «versolibristas» teem discipulos numerosos; Claudel, com a sua desarticulação ortografica, é considerado um redentor da lingua. Dizem que algumas são honestas. No meio dos filisteus ergue-se um sincero. Não é vaidoso e ama a arte por si. O cubismo pretende reatar a tradição e reagir contra a comedia das côres empregando tons discretos. Mas conhecem as possibilidades da pintura: nenhuma arte trabalha com tantos elementos. Todos se lembram da anedocta daqueles jovens discipulos que imaginaram fantasticas coisas na tela onde limpavam os seus pinceis. Qual é a verdadeira escola? A cubista tem para nós um grave defeito: não é bela. Sinceros ou não, todos estes movimentos são superficiais. A decadencia tem destas inesperadas bizarrias. E no entanto nunca o deslumbramento de Paris foi tão grande. Para a nova geração de artistas e homens de letras portugueses, Paris é mais que em todos os tempos *a moderna Atenas, a capital do mundo.* O modernismo parisiense é entre eles uma febre. A «Vie Parisienne» é o simbolo da nova arte. Procuram conhecer a França até ao mais baixo dos seus escritores. Será isto a ultima prova de fraqueza? Não! Não é em vão que o seu engenho se desperdiça na copia do estrangeiro: com um pequeno estilo, fazem melhor que eles. E' que o espirito francês não os seduziu directamente. A influencia é toda social. O «Sud-Express» e a universalidade da lingua francesa levam facilmente a Paris os moços portugueses. As luzes e o movimento perturbam-os. O «Salão d'Outono» e o «Baile das Quatro-Artes» comunicam-lhes uma fina espiritualidade. Mas nada os deslumbra tanto como o «chic» parisiense.

Por caracteristico de raça os franceses foram sempre sociais. A sua cultura foi social. A sua sexualidade tambem: teve como expressão o adulterio. Broutôme, abrindo o seu livro, diz que vai tratar das damas que fazem «cucos» os maridos. As francesas nunca foram apaixonadas. As damas que liam os romances de Saint-Pierre comoviam-se, é certo, com as desgraças dos protaganistas, mas não suspiravam avidamente por aqueles amores ideais. O amor sob os ultimos reis tinha o seu preludio nos salões e por conclusão as proprias alcovas matrimoniais.

Mais do que aos maridos, as parisienses desejavam agradar a todos os homens. Um equilibrio social tinha-se estabelecido baseado no adulterio. Então as classes estavam extremadas. A nobreza era pura.

Na graça das mulheres imperava o mais excelso e independente bom gosto. Veio a revolução. A burguezia começou a dominar. Deixando extinguir pouco a pouco as suas qualidades, a nobreza foi desaparecendo. E o amor adulterino passou a ter por scenarios a rua, o *metro* e as *garçonnières*. Para isto, a mulher burgueza criou-se um «chic» especial. Era necessario mostrar a todos os outros o melhor possivel as suas seduções. Poder-se-iam vestir com a simplicidade hotentote, cobrindo-se de jóias como as pretas lançam ao pescoço um colar de garras. A sua nudez mostraria o valor aparente, a riqueza das pedras, o secreto. Mas a competencia do adorno cobriria as mulheres de um peso demasiado para esta vida movimentada e a moralidade dos costumes levantar-se-hia contra tão brusco atentado. Então apareceram os costureiros intelectuais. Caros e trabalhando com um certo bom gosto, sabiam fazer adivinhar na rua toda a mulher. Vendo uma parisiense «chic» teriamos a certeza que a sua pele era superiormente tratada. A plutocracia tinha inventado a sua caracterização.

Se o «chic» do «Grande Seculo» explicava a mulher, esta exibia a femea. Tinha morrido o voluptoso e o impudico. Ficara em troca a mais franca e imediata provocação. O actual «chic» parisiense é pois banal. Está longe de ser uma expressão do bom gosto. A herança do seu passado marchou para o Oriente: as vienenses vestem com uma distinção que as torna muito superiores ás francesas.

Ora a mulher portuguesa era muito diferente da parisiense. Amante e modesta, nunca amou o adulterio pelo adulterio. Amou apenas o amor. Se algum sentimento tinha da sua traição ao matrimonio era o mesmo que o de Soror Mariana: o remorso duma violação de voto. Pelo caminho de ferro, juntamente com os livros, vieram os modelos parisienses. E, como em cera mole, onde fica indiferentemente o pó e o ferro, o «chic» penetrou. A mulher portuguesa começou a vestir-se por Paris. Então deu-se uma curiosa serie de fenomenos. Apesar do seu grande talento de composição, a mulher portuguesa não se sentia á vontade no «chic». Alguma coisa faltava a unificar as suas atitudes francesas. E, pouco a pouco, a mulher portuguesa caminhou para a causa profunda do «chic» — para o adulterio. Pode-se ainda hoje ver em diferentes tipos as formas sucessivas da evolução. Aqueles que atingiram o fim são perfeitos. Precisavam daquela terapeutica. Ha beleza mesmo quando os instintos que agem puramente são fracos.

Diante disto que fizeram os moços portugueses?

Rejubilaram. Portugal civilizara-se finalmente. Uma palida imagem matara as saudades de Paris. Podia-se já lêr em Lisboa um romance de Binet-Valmer. Os passeios passaram a ser *trottoirs*, as costureiras *midinettes*. E, instalando-se, os moços portugueses resolveram viver «a nossa Hora». Os jovens actuais descobriram um dia que estavam distraidamente a deixar passar a mocidade vivendo uma hora que era a hora da passada geração. Cheios de remorso, bradaram que era necessario viver á propria hora. A' volta deles circulavam automoveis e electricos: a Hora era de efervescencia! Então puzeram-se a fazer literatura. A turba tinha-se francesado em consequencia de antigas ideias? Os moços consagraram em verso esse bom gosto. Um industrial fundara no Tejo uma geradora. Os moços como novos Verhaerens cantavam os prodigios das turbinas. Porém não notavam que era a turba que adiantara ou atrazara a seu belo-prazer o relogio porque se regulavam. Os homens de acção desprezavam-os como «intrusos literarios». E a sua situação era mais baixa que a dos poetas nas nossas casas nobres de ha dois seculos. Queridos amigos! E' uma onda demagogica de instintos fortes que dita a vossa hora. Se não vos importais com a escravidão e a quereis sentir tal como é, então sêde coerentes, abandonai a pena. A época actual não é de literatura. Sentir é melhor que escrever. Sem ideias podereis ir colher a Paris como simples gozadores a flor daquela morta civilização. Vivendo então verdadeiramente, perdereis o vosso ar dobradamente parasitario: de provincianos de Paris e acolitos industriais. O problema da geração nova é um problema de bom gosto.

Os moços portugueses, cheios de vida, sentem necessidade de crear. Despresando os filisteus, não o fazem por conveniencias sociais. A perfeição que desejam, embora poucos a compreendam, é prova disso. O meio é logicamente para eles o primeiro motivo de arte. O filosofo considera os acontecimentos como fenomenos. Tudo que vive tem par ele interesse porque é um efeito e uma causa.

Mas o artista procura nos factos expressões do belo. Não conhecendo a essencia do seu gosto está escravizado a ele. Ora o meio actual parece não fornecer elementos á sua arte. Essa fonte inesgotavel, o amor, é, nesta pressa de viver, extremamente elementar. Como urge conservar a especie, pouco mais é que fisiologico. A luta do dominio tambem não está sublimada. Uma onda de esfomeados subindo poz-se logicamente a comer. Nunca a banalidade do meio se sentirá como quando se tentar para o teatro uma efabulação real. Então, perante esta miseria, sucede o que em Portugal está sucedendo ha muito tempo. Quando somos forçados a baixar os olhos das estrelas para nós, sentimos vontade de cuspir. O artista sente vontade de humorizar. Porém, está feito com as anecdotas dos novos-ricos o comentario do momento. Os outros tipos que perduram já o realismo os traçou. E vêde e duvidai da eficacia da arte: os Palmas Cavalões e os conselheiros Acacios continuam escrevendo; mas agora, além do resto, citam tambem Eça de Queiroz...

Então o artista ansioso rebusca melhor o meio. E, fatalmente, vai cair nos braços redentores do regionalismo. Mas este grande movimento apenas nos poderá servir como uma bela chamada á propria terra. No ferver do nosso sangue não vai bem um refugio. Como conciliar então a nossa superabundancia com o nosso bom gosto? Sendo ousados. Tentando fazer da nossa arte uma arte europeia. E para isso o primeiro acto não é viver a nossa hora portuguesa. Tem dois grandes defeitos: é franceza e populaceira. Guerreêmo-la pois. Exercitando sobre ela a nossa força depressa esqueceremos o horror do meio.

Mas nós precisamos imediatamente duma lingua e, como queremos ser nobres, duma lingua nossa. Ha actualmente em Portugal uma corrente vernaculista e regionalista. Pretendem os seus adeptos que vamos buscar ao povo e aos classicos os elementos para uma purificação completa da lingua. A atitude é excessiva; mas não é condenavel: nada é condenavel. Com ousadias e reacções se caminha. E os puristas teem como quaisquer outros um util papel. Temos pressa, porém.

Em Portugal foi o povo que fez a lingua que os salões estragaram. Ao contrario do que sucedeu em França, onde foi a nobreza a creadora, o português é forte e pouco subtil. A lingua do povo, bela ainda nos campos, rica em côres, em onomatopeias das suas acções quotidianas e, sendo o ridiculo o primeiro sentimento literario social, propria para o sarcasmo e mesmo para a ironia.

Mas não tem a fina mobilidade e agudeza que se requere a uma linguagem analitica. Quanto aos classicos, que deveriam ter aperfeiçoado ultimamente a lingua, pensaram sempre muito pouco. Ao passo que uns viviam na contemplação de Deus, outros vigilavam atentamente a moralidade. Nunca nenhum deles se lembrou de analisar as paixões. Era já um grande merito louvar os Santos ou descobrir, para cobrir de troça, aqueles que se afastavam dos costumes.

Bernardes, por exemplo, de todos esses o de maiores virtudes, possuidor daquele equilibrio logico dos franceses, é demasiado catolico para nós satisfazer. Tudo nele é celeste. Ha pudor nos adjectivos, quietude na sintaxe. Assim, quando chegamos ao seculo XIX a linguagem escrita carecia duma desarticulação vital. Então apareceu Eça de Queiroz. Extremamente sensivel, cheio de exigencias de expressão, invejoso das possibilidades da lingua francesa, fez uma coisa: traduziu-a. Com um acto de ousadia, adiantou dois seculos. Mas a lingua perdeu a sua regularidade. O momento é de instabilidade e transição.

Que fazer? A sabedoria é uma virtude sempre atenta a evitar obstaculos. Tomemos pois uma sabia atitude. Sejamos o mais possivel portugueses. Eu sei que vós, escritores de requinte, precisais de arquivar os mais subtis harpejos da alma. Mas creio bem que, com boa vontade, suprimireis sem prejuizo os italicos. Deixemos para os franceses as *sensiblines*, os *frissons* e os *sachets*. Esforcemonos por substituir as maneiras que sintamos francesas. Não tenhamos medo de empregar aqui ou ali alguma perifrase discreta. Sejamos honestos. Tentando exprimir sempre o melhor possivel, confiemos no genio da lingua.

Abreu Bacelar

TEATRO SÃO LUIZ
TELEF. C. 224

Hoje, ás 9 da noite
prosegue na sua gloriosa carreira, a famosa
REVISTA DE PRAXEDES:
O grandioso exito da actualidade

EDEN-Teatro
COLOSSAL TRIUNFO
TODAS AS NOITES
ás 21 horas
As duas garotas : de Paris :
ENCHENTES sobre ENCHENTES

SALÃO FOZ
Empresa Artur Emauz
Exito sempre crescente — A colossal troupe **LIA FRED 16 artistas!** — A escultural e inegualavel bailarina **LOLITA ALVEZ** — O celebre prestidigitador e **Rei da Evasão CABALLERO AUDAZ** — Os — duetistas comico-serios **LIA FRED** — «Films» de sucesso — Novo e esmerado serviço de bufete — A sala de espectaculos mais ventilada de Lisboa
PREÇOS POPULARES: Geral, 1$00; Cadeiras, 1$50; Fauteuils e balcão 2$00 e 2$50.

"Os Três Mosqueteiros"

A estreia do ante-penultimo episodio no Cinema Condes

Não desmentiu o sucesso dos anteriores a estreia do 10.º e ante-penultimo episodio dos «Três Mosqueteiros», o belissimo «film» extraido da conhecidissima obra-prima de Alexandre Dumas. Está pois prestes a concluir o extraordinario romance, devendo suceder-lhe dentro de 15 dias um novo «film» em episodios, destinado ao maior dos sucessos.

O socio gerente da empresa do Cinema Condes, sr. J. Castelo Lopes, já partiu para Madrid, Barcelona e Paris, os mais notaveis centros produtores de cinematografia, para adquirir os ultimos «films» de novidade que em breve começarão a ser exibidos no Cinema Condes. Hoje repete-se o 10.º episodio dos «Três Mosqueteiros» com um restante programa de primeira ordem.

O BOM SUCESSO

COLISEU DOS RECREIOS

Ultima semana da companhia de opereta — Hoje a magnifica peça «Viuva Alegre»

Está a despedir-se do publico de Lisboa a aplaudida companhia italiana de opereta que, no Coliseu dos Recreios, tem conquistado o agrado do publico frequentador daquela popular, comoda e fresca casa de espectaculos. Hoje, em *soirée* da moda, realiza-se a primeira representação, nesta temporada, da magnifica opereta de grande sucesso, *Viuva Alegre*, que o publico de Lisboa tanto aprecia e espera com ansiedade. A'manhã, em festa artistica do notavel tenor Enrico Borghése, vai á scena, tambem pela primeira vez nesta temporada, a deliciosa opereta de Franz Lehar, *Conde de Luxemburgo*, cujo sucesso é de todos conhecido.

Como é esta a ultima semana em que a aplaudida companhia italiana trabalha no Coliseu dos Recreios, deve o publico aproveitar as poucas noites de arte que lhe restam e ir gosá-las com um espectaculo que é, sem duvida, o de mais bom gosto e o mais economico de Lisboa.

Entero colite crónica — Seu tratamento
ESTORIL-TERMAS

ARTIGOS E INFORMAÇÕES

A Cidade

CRONICAS E ENTREVISTAS

Chá das cinco

Um caso de namôro

Eu namorei. O leitor namorou e namora. O namôro é uma instituição nacional, da qual alguns mortais se aposentam na altura dos primeiros cabelos brancos. Toda a gente serviu o namôro, muitos até não passando de platonicos, lunaticos enamorados silenciosos. Toda a gente sabe o que isso é ou se lembra do que isso foi: uma fatalidade para uns, um incidente para outros. Para al ıns, uma benção de Deus; para bastantes, uma saudade. Em resumo: o namoro — até vestido elegantemente de flirt, ao costume inglês — esteve na possibilidade de todos os nossos destinos.

Pois muito bem!

Com esta experiencia e na observancia plena desta facilima e preciosa arte de manter a vida em extase; sabendo nós quasi tudo dos seus segredos, e digo «quasi tudo» porque em materia de namorar, que é a forma ingenua de dizer amar, os novos que vão espigando julgam sempre ter descoberto ineditas, requintadas formulas que a nossos avós escaparam; com tanto saber e tanta pratica — e alguma dura a vida inteira — eu juro que nenhum leitor, nem nenhuma leitora viu namorar, como eu vi, um par idilico, ontem num carro electrico da Estrela.

Era absolutamente disforme, inconveniente, escandaloso!

Ela—que era quasi bonita e vestia de côr de alecrim, com algum gosto—seus 19 anos bem emoldurados de espelho e de «coquetterie» instintiva, ia do banda da janela. Ele—tipo vulgar, namorado novinho em folha—sentado do lado de fora, passava-lhe o braço por trás do pescoço, indo a mão morrer no braço dela, sem sensualidade, discretamente, e juntos, tão juntinhos que ambos ocupavam o logar dum e os sorrisos de ambos faziam um unico sorriso.

Toda a gente ouvia o que eles diziam, porque eles imaginavam ir sós a bordo de um grande navio de Ideal, a pano largo, por um mar tranquilo de felicidade, que subisse tranquilamente pelos «rails» a rua Garcia da Orta. E aquilo durou quartos de hora! E ninguem interveiu. O revisor mesmo achou prudente sorrir e passar adiante.

Chegado o carro á Estrela apeou-se toda a gente, a piscar o olho—eles não deram pela paragem—e entrou uma outra gente, que continuou o sorriso, deixado pelos que saiam, em cima dos bancos. E eu saí tambem. Afinal...

Afinal quem nos diz a nós que não é aquella a maneira mais pura, mais santa, mais inocente—mais orgulhosa!—de duas almas frescas se amarem, dentro deste indiscreto e corriqueiro carro electrico da Vida?

Norberto de Araujo

Comissariado dos Abastecimentos

Uma carta do capitão sr. Sá da Costa

Do novo Comissario Geral dos Abastecimentos, capitão sr. Sá da Costa, recebemos uma carta, onde nos declara, referindo-se ao acto da sua posse, que por fórma alguma se queria isolar da imprensa, pela qual tem a maior consideração, desejando até estar constantemente em contacto com ela, para o que lhe fornecerá periodicamente relação das medidas que fôr tomando.

Cumpre-nos declarar que, não só não houve da nossa parte qualquer proposito de magoar o sr. Sá da Costa, como vemos com prazer a maneira como se refere á imprensa, por vezes tão maltratada em certas estações oficiaes.

* * *

Efectivamente, já recebemos a primeira das relações a que o novo Comissario se refere na sua carta.

Não a publicamos por já ter vindo em todos os jornais.

O BOM SUCESSO

PARA LER-SE

"DEVE HAVER MAIS NAVIOS DE GUERRA!"

"OS DEPUTADOS DEVEM FALAR DA TRIBUNA!"

OUTRAS OPINIÕES LIVRES do deputado sr. Sá Pereira

O deputado sr. Sá Pereira é das figuras mais curiosas e simpaticas da camara. Ele tem ali — diz-se — uma função meramente fiscal, o que o torna objecto de mordacidades dos adversarios do regime e de muitos republicanos. O certo é que este deputado democratico, na acepção partidaria, e socialista-radical, na acepção politica, diz, em resposta aos que o acusam de jacobino:

— Eu não sou jacobino nem intolerante! O que eu sou, e tenho muita honra n'isso, é sério na minha vida pessoal e intransigente na minha vida politica...

E a conversa segue com o deputado perpetuo desde as Constituintes (na excepção do periodo sidonista), em tais termos que, a certa altura, o jornalista ouve o sr. Sá Pereira fazer o elogio da Senhora D. Amelia de Orleans:

— Diga-se o que se disser. Era uma virtuosa senhora, honesta, esposa modelar. Contrasta singularmente o seu porte com o de algumas rainhas e mulheres de reis da nossa historia. Foi educada no Sacré-Cœur; resentiu-se d'isso. Era reaccionaria. Mas era uma digna senhora...

E em materia de Reis:

—D. Luis foi peor que D. Carlos. Este foi mau, mas foi teso.

Outra frase:

—Os raros grandes Reis—e foram da Casa de Aviz—D. João I e D. João II, tinham sangue do povo. O Mestre era filho de uma mulher tão boa de virtudes como plebeia ás direitas. Os cruzamentos dos reis levou as virtudes dos homens-reis.

Fala-se sobre marinha portuguesa.

—Sou por principio anti-militarista. Mas não levo o meu exagero ao ponto de desejar uma marinha que ande para aí arruinada, deixando-nos á mercê de aventureiros, e até de pescadores intrusos. Se para o ano fôr ainda deputado hei de propôr que o orçamento do ministerio de Marinha seja uma coisa seria. São precisos mais navios de guerra, e melhores. Hão de construir-se. As nossas costas e as nossas colonias exigem esse sacrificio.

E justificando-se:

—E' uma vergonha o que aí anda...

Falámos sobre o Parlamento. E' preciso dizer aqui que o deputado sr. Sá Pereira—unico voto contra a amnistia—se dê bem com os monarquicos, na Camara. Até brincam de palavras. Tambem cabe dizer que o sr. Sá Pereira disse um dia a alguem que se soubesse que do seu voto contra a amnistiá resultava o insucesso desta medida politica—não votaria.

Mas diz o sr. Sá Pereira:

—Os senhores dos jornais deviam defender a ideia de os deputados serem *obrigados* a falar da tribuna. Tinha duas vantagens: ouvir-se melhor e falar menos gente. Volta e meia levanta-se um e diz três larachas. Nem sempre ha cautela, elevação. Ora da tribuna nem todos se atreveriam a dizer asneiras. Isto aqui para nós. Diz-se que no Parlamento não ha quem saiba falar. Ha tal. Até nos meus adversarios politicos. Mas o ambiente do Parlamento—demasiado á vontade—prejudica.

E mais:

—A sala da Camara foi feita para nela se falar da tribuna. Dali todos ouvem...

O deputado tinha sido o primeiro a chegar á Camara. Vê-se que vinha bem disposto e que não esteve a fazer politica na conversa. A campainha levou-o para a chamada.

O dia de Aljubarrota

Porque não foi feriado

Consta que o governo não efectivou a disposição legal relativa á comemoração do aniversario da batalha de Aljubarrota, para evitar um feriado parlamentar. Parece que chegou a estar redigido um decreto confirmando a festa nacional de 14 do corrente, mas, pelo motivo que apontamos, não chegou a ser submetido á assinatura presidencial.

O BOM SUCESSO

O SR. AFONSO COSTA

O sr. dr. Afonso Costa, que se encontra em Paris, de regresso da Suissa, tem estado bastante doente com um forte ataque de reumatismo.

O «Diario de Lisboa» vende-se na agencia Brou & Pessoa — N.º 49, rue Blanche — Paris — FRANÇA.

Um consul «escroc»

Dizem-nos da Arcada que foi preso por «escroquerie» o consul de Portugal em Cristiania sr. Charles Santosa.

ESTÁ PROVADO

e é reconhecido por tados quantos ali vão, que se economisa

10.000 réis

em cada metro de fazenda comprando os fatos a

MARTINS & LEITÃO, L.DA

Travessa de Santo Antão, 1, 2.º, *representantes em Lisboa de* **SILVA & C.ª, da Covilhã**

Os preços, os padrões, 84, actualmente, a qualidade das fazendas não temem confrontos e desafiam toda a concorrencia

Temos fazendas em deposito para satisfação imediata dos pedidos dos nossos clientes e enviamos amostras a casa dos mesmos, em Lisboa.

Os Teatros

A reabertura dos teatros

Tendo entrado a tranquilidade nos espiritos pela normalização de todos os serviços da cidade, já ontem os teatros tiveram uma regular concorrencia, o que deixa perceber que, dentro ainda desta semana, com a possivel revogação do decreto do estado de sitio, o publico entre nas seus habitos, tanto mais que sendo poucas as casas de espectaculo abertas, para todos haverá frequencia que obste ás suas necessidades, Todavia, isto não impede que as empresas tenham registado prejuizos enormes durante os seis dias que se viram forçadas a encerrar as suas portas e coagidas a suspender os vencimentos ao seu pessoal, tratando-se de mais a mais de empresas de ocasião, isto é, nucleos de exploração apenas desta epoca, sempre faliveis por se tratar de uma temporada já de si má para negocios de teatro. A titulo de informação damos a nota dos espectaculos de hoje: no S. Luis, a «Revista de Praxedes», em pleno exito; no Eden Teatro, «As duas garotas de Paris», o maior sucesso dos ultimos tempos em peças deste genero; no Apolo, em duas sessões, a revista «Pica-pau», cujas representações terminam no fim do mês; no Maria Vitoria, no Parque Mayer, a revista «Lua nova», incontestavel triunfo.

Atrás do reposteiro

Com a 15.ª representação da peça «As duas garotas de Paris», realiza-se na proxima sexta feira, no Eden Teatro, a recita do seu autor, o ilustre dramaturgo Eduardo Schwalbach.

—Deixaram de fazer parte da companhia do Avenida os artistas Leonilde Pereira e Valerio de Rajanto, sendo este ultimo substituido pelo actor brasileiro Oswaldo de Barros, recentemente chegado do Brasil com a companhia Aurora Abranches.

—Por conselho medico volta novamente para as Caldas da Rainha a actriz Judite Marques.

—No Eden Teatro estão em ensaios as peças «Os Fidalgos da Casa Mourisca» e «O crime do Cochicho», peça policial de grande efeito teatral.

—Damos em seguida o elenco da companhia de declamação Beatriz de Almeida, que, no proximo mês, inaugura no teatro Salão Foz a epoca de inverno, sob a direcção e gerencia do actor Jaimé Zenoglio: actrizes, Beatriz de Almeida, Maria Clementina, Teresa Gomes, Elvira Costa, Mario Corte Real, Sarah Lima, Dulce de Meneses e Maria Matos; actores, Jaime Zenoglio, Silvestre Alegrim, Eduardo de Ereitas (ensaiador), Romualdo de Figueiredo, Alvaro de Almeida, Afonso de Matos, José dos Santos, Alfredo Fróes, Artur Silva (contra-regra), Pinto Monteiro (secretario) e Armando Santana (fiscal da empresa).

— Ao contrario do que telegraficamente se comunicou para Portugal, a Companhia de Revistas do Bataclan, estreada no Rio de Janeiro, obteve um sucesso louco, sendo a média de receitas de 3 a 14 do corrente, de 20 contos.

— Embarcou no Rio de Janeiro, com destino a Lisboa, o empresario do Politeama sr. Luís Pereira.

— Nascimento Fernandes parte para o Rio de Janeiro no dia 14 de Setembro, a fim de se estrear, a 6 de Outubro, na revista «A Bichinha Gata».

— A Companhia Alves da Cunha-Berta de Bivar vai dar uma serie de espectaculos ás Caldas da Rainha e Figueira da Foz.

— Está-se procedendo ás necessarias negociações para a venda ao empresario José Loureiro do teatro Avenida.

— A Companhia Lucilia Simões estreiou-se na Baía com a peça «Uma mulher sem importancia», com uma assinatura de 2.500$00 por espectaculo.

— Devem chegar a Lisboa brevemente, a bordo do «Caxias», os artistas José Monteiro e Laura Fernandes.

CARTAZ

S. Carlos — Não ha espectaculo.
Nacional — Não ha espectaculo.
S. Luis—Ás 21,15 «A Revista de Praxedes»
Politeama—Não ha espectaculo.
Avenida — Não ha espectaculo.
Apolo —A's 21—«Pica-Pau».
Chiado Terrasse — Não ha espectaculo.
Maria Vitoria—A's 20,30 e ás 23,30—«Lua Nova».
Eden-Teatro — A's 21 — «As duas garotas de Paris».
Salão Foz—A's 21,30—Variedades e animatografo.
Coliseu dos Recreios — Ás 21—«A viuva alegre».
Circo Royal—A's 20,45 e 22,30—Companhia equestre.
Gil Vicente (á Graça) — Ás 21,15 — «Valha-nos isso».
Teatro dos Anjos—Ás 20,30—Companhia de variedades.

Animatografos e variedades

Olimpia (Rua dos Condes).
Cinema Condes (Avenida da Liberdade).
Salão Central (Praça dos Restauradores).
Salão Ideal (Rua do Loreto).
Cine-Paris (Rua Ferreira Borges).
Salão da Promotora (Ao Calvario).
Eden Cinema (Alcantara).

POLITEAMA Brevemente

: AS FLORES :

com ANGELA PINTO e AMELIA REY COLAÇO

ARTIGOS E INFORMAÇÕES

A Cidade

CRONICAS E ENTREVISTAS

TIPOS DA RUA DE LISBOA

O MENINO DO CASTELO"

morreu, varado por um tiro, no Poço do Bispo

Ha na cidade tipos curiosos que toda a gente conhece, caracteristicos, inconfundiveis: o «Pinheiro», o «Cauteleiro Fardado», o «Charlot», o *Menino do Castelo*.., Pois é justamente deste ultimo que vamos hoje ocupar-nos em meia duzia de linhas, á laia de necrologio.

Não lhe sabemos o nome, nem é preciso para o caso. Para o povo, para toda a gente ele era apenas o *Menino do Castelo*. Os nomes de guerra fixam-se sempre melhor.

O pai vende alhos na Praça da Figueira, á entrada do torreão da rua do Amparo. Em casa, vivendo dos seus lucros de cauteleiro, tinha uma pobre irmã que uma meningite inutilizára.

Tornara-se celebre pelo seu rosto de macrocéfalo e pelo seu pregão, arrastado como os seus passos:

O' meninas desta rua,
cheguem todas á janela!
Quem quizer a sorte grande,
E' comprar-me uma cautela...

Aprendia facilmente as novas modas. Todas passavam pela fieira da sua garganta e dali saíam transformadas, com novas cadencias, novos tons...

* * *

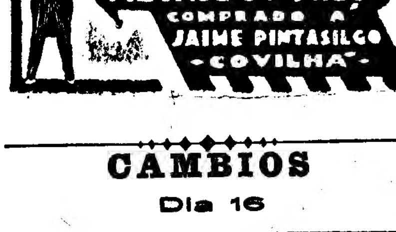
Pois o *Menino do Castelo* teve um fim triste. Ia a passar no Poço do Bispo. Cantarolava:

O' Rosa enxota o pinto...

Um electrico parou em frente. E ele, inconscientemente, risonhamente, chamou *amarelo* ao condutor. A praça que guardava o carro certamente era da provincia. Não o conhecia. Julgou que era um bombista, passou-lhe talvez ante os olhos a visão do veículo a estoirar em pedaços. Um tiro soou. Quando chegou ao hospital, já passara desta para melhor. Está na Morgue o seu corpo, aguardando o enterro. Certamente quando ele passar, hão de chorar com saudade nas ruas os gaiatos que ainda ha pouco riam com as suas diabruras e os seus pregões apimentados...

Na armada

Foi nomeado comandante interino da 2.ª divisão do Corpo de Marinheiros, o 1.º tenente sr. Cunha Gomes.



CAMBIOS

Dia 16

	Comprador	Vendedor
Libra esterlina	66$00	68$00
*Londres, cheque	3 7/8	3 3/4
» 90 d. v.	3 29/32	—
Rio *Londres	7 11/32	—
*Paris	1$130	1$160
*Itália	$630	$655
*Bélgica	1$060	1$100
*Suiça	2$640	2$760
*Espanha	2$160	2$250
*Berlim	15	20
*Holanda	6$390	5$570
*Nova-York	13$800	14$440
Rio s/Lisboa	—	—
T. Desc. Banco de Inglaterra	—	—
» » » Portugal	—	—
Ágio do ouro	1$250	1$350

UM NOVO SISTEMA FISCAL

AS PROPOSTAS DE FINANÇAS

ACABA A PROGRESSIVIDADE NO IMPOSTO CEDULAR, MANTENDO-SE NO IMPOSTO GLOBAL

As cedulas e os indicadores indirectos — O imposto da vida cara

O que nos disse o sr. dr. Rocha Saraiva, no Parlamento

O sr. dr. Rocha Saraiva:

—Eu não queria fazer entrevistas sobre propostas de finanças.

—Porquê?

—Porque não quero intervir no debate.

—No entanto...

—Como você insiste, deixe-me pensar um momento para sintetizar as minhas opiniões.

Uma duzia de olhos intensos; um gesto a abrir caminho no pensamento.

—A sua primeira opinião...

—As propostas de finanças refundem inteiramente o nosso sistema tributario...

—Inteiramente?

—Sim! Ora essa refundição dos nossos impostos é uma coisa grave e que se deve fazer com todas as cautelas.

—O que estava...

—E o que está ainda...

—... E' mau, mas entrou já nos nossos costumes. O sr. Portugal Durão não nos disse ainda a receita que resultaria da aplicação das propostas...

—Portanto...

—Não podemos dizer ainda, com segurança, o que valem...

—Na generalidade, disse v. ex.ª o que tinha a dizer. Agora na especialidade?

—Vamos ter o imposto cedular e complementar sobre o rendimento.

—Em cedulas?

—Cedula pessoal, cedula industrial e cedula sobre aplicação de capitais...

—Quere dizer?

—Quero dizer, impostos sobre rendimentos descriminados.

—Concorda v. ex.ª?

—Concordo. Além destes impostos sobre rendimentos descriminados ha ainda nas propostas o imposto global sobre o rendimento.

—Impostos de dois lados...

—Sim, de dois lados. Mas do global deduzem-se os outros, o que está certo.

—Mas acaba-se com o imposto progressivo?

—Os impostos cedulares ficam sendo proporcionais; e progressivo apenas o global.

—Explique-nos v. ex.ª...

—Suponha que tinha 300 contos de rendimento.

—Boa suposição!

—Divididos pelas duas cedulas, predial e industrial, esses dois rendimentos eram coletados em dez por cento, ao passo que outra creatura que tivesse trezentos contos empregados em predios pagava treze por cento...

—O que é peor.

—O que era peor. Acaba pois a retrospectidade nos impostos cedulares, mantendo-se para o imposto global.

—As propostas que têm, disse, modificações?

—A determinação do rendimento colectado para a propriedade urbana. Este rendimento é multiplicado por seis, não tendo o senhorio autorização para aumentar as rendas...

—Isso vem a dar...

—Em muitos casos o numero seis está certo, mas na maioria não, porque ha muitos proprietarios que, pelas novas leis fiscais, vêm a pagar mais de imposto do que percebem de rendimento.

Fala-nos depois o sr. dr. Rocha Saraiva dos indicadores indirectos:

—Para o efeito do imposto pessoal representam uma injustiça. Sabe muito bem quanta gente ha em Lisboa que paga por uma casa uma renda que não está nas suas posses. Ora essa renda é um indicador indirecto.

— E o imposto sobre transacções?

— Devia ser uma proposta áparte, porque é um imposto indirecto. O imposto sobre o montante das transacções é mau porque é um imposto de vida cara e é bom porque é o imposto que daria mais rendimento ao Estado...

— Quem o paga: o comerciante ou o publico.

— Naturalmente este ultimo, mas paga-o sem dar por isso. Este imposto sobre o montante das transacções vai produzir uma cifra tão grande que só por si tranquilisa um ministro das finanças que esteja embaraçado.

O vapor "Porto"

Que levará o Chefe do Estado ao Brasil

O vapor «Porto», em que o sr. presidente da Republica, fará a sua viagem ao Brasil, não estará pronto antes da ultima semana do corrente mês. Todos os trabalhos de beneficiação estão bastante atrazados, principalmente os de pintura.

O atrazo não é devido á greve: os operarios trabalharam sempre, mas ao conhecido «não te rales» nacional: deixar para ámanhã o que se deveria fazer hoje.

Parece que no referido vapor já não segue a força de marinha cujo comando seria confiado ao 2.º tenente sr. Arantes Pedroso.

A VIDA CARA

A'manhã, azeite a 3$80...

O sr. capitão Sá Costa, Comissario Geral dos Abastecimentos, visitou esta manhã os armazens reguladores. A'manhã será vendido ao publico, em todos aqueles armazens, azeite a 3$80 cada litro.

Vapôr «Mossamedes»

O vapor *Mossamedes*, da Companhia Nacional de Navegação, que devia seguir viagem hoje ao meio dia, só levantou ferro ás 16 horas, devido ao grande numero de passageiros, entre os quais se viam os srs. Antonio José Pereira, governador de S. Tomé, e José da Costa Guimarães.

TODOS DEVEM GARANTIR O FUTURO DE SUAS FAMILIAS EM

"LA NATIONALE"

"SOCIÉTÉ ANONYME D'ASSURANCES SUR LA VIE"

FUNDADA EM PARIS EM 1830

Reservas e garantias: Setecentos e trez milhões de francos

Agente geral: Manuel Casal

Rua Aurea, 87, 1.º Telefone 3:187-C.

TRABALHOS PARLAMENTARES

NA SESSÃO DA CAMARA

tratou-se de Radio-Telegrafia e do Notariado

Sob a presidencia do sr. Domingos Pereira, faz-se a chamada ás 9,55, respondendo 53 deputados.

Antes da ordem do dia, entra em discussão, com tódas as dispensas, uma proposta de lei autorizando o governo a contratar com a Marconi's Wireless Telegraph Company Limited o estabelecimento duma rêde radiotelegrafica, nas bases indicadas no mesmo documento, em diversos pontos das colonias e de modo a que os respectivos trabalhos estejam concluidos no praso maximo de 4 anos.

Aprova-se, com ligeiras emendas.

* * *

Entra depois em exame uma proposta que autoriza o governo a codificar todas as disposições legais referentes á organização e funcionamento do notariado, ampliando-as, suprimindo-as ou modificando-as, conforme tiver por conveniente á boa ordem e execução dos serviços.

Sobre o assunto falam os srs. Pedro Pita, Abilio Marçal, Amadeu de Vasconcelos, Cancela de Abreu, Lelo Portela, ministro da Justiça, Diniz da Fonseca e Torres Garcia.

A sessão continua ás 14 e meia.

O 19 de Outubro

Quando serão julgados os réus?

O julgamento dos implicados no chamado 19 de Outubro.

—Mas se sabe; não se sabe nada de positivo.

Os processos foram ha 4 dias com vista aos defensores dos reus. Um deles, o capitão sr. Paula Pacheco, patrono do alferes sr. Lopes Soares, disse-nos hoje, em tom de informação:

—Os processos, depois de nós os compulsarmos, serão submetidos á apreciação do juiz auditor e do promotor, os quais farão o seu relatorio.

—E a seguir?

—A seguir despronunciarão os presumidos delinquentes, ou, no caso contrario, serão estes enviados a julgamento.

—Questão de criterio...

—Claro.

— E quanto ao seu constituinte?

— Esse, em minha opinião, não pode ser pronunciado. Não ha materia juridica...

— Diz hoje um jornal que ninguem quere ser secretario do tribunal...

— Deixe falar. O secretario já está nomeado, e até já tomou posse. E' o tenente sr. Isidro Gama.

— E não houve coisa alguma que justifique a noticia?

— Lá isso, houve. Foram nomeados, antes do actual, uns 4 oficiais que deram parte de doente depois da nomeação.

E o secretario Isidro Gama, falando depois:

— Não sei quem será julgado nem despronunciado. Estou á espera do tenente sr. Nordeste, defensor do tenente-coronel sr. Marreiros, para depois avisar os outros defensores.

* * *

Parece assente que não se realisam a bordo de qualquer navio de guerra os julgamentos dos implicados nos acontecimentos de 19 de Outubro.

Economia e higiene no calçado obtem-se com o CREME CRISTALINO

Sapataria Contente, L.da

74, RUA DO CARMO, 74

SOCIEDADE PORTUGUESA DE ADMINISTRAÇÕES

CALÇADA DO SACRAMENTO, 14, 1.º — Telef. 498

Trata de administração de propriedades rusticas e urbanas, colocação de capitais sem encargo para o capitalista, compra e venda de propriedades.

Vende:

Predio na Calçada da Tapada, n.º 87.
Predio na Rua Leandro Braga, n.º 32.
Predio na Avenida dos Estados Unidos da America, A. L. F.
Predio no Chiado, n.º 37-51, tornejando para á R. Ivens, 66-76.
Predio na Rua do Comercio, 33-41.

Optimos terrenos para construção na Calçada das Necessidades, Parque Eduardo VII, Estoril e Junqueira para oficinas e armazens

Facilita-se o pagamento

Alugam-se grandes armazens na Junqueira

SOLANO

O MELHOR PRODUTO PARA LIMPAR METAIS

Vende-se em toda a parte

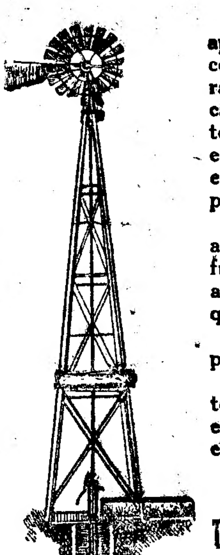
DEPOSITARIOS

Figueiredo & Telles L.da

Rua Alves Correia, 45, 1.º - LISBOA

TELEFONES { 3156 3697 } NORTE

Moinhos Aéro-Motor Invicta



São de todos o mais aperfeiçoado e moderno, com engrenagens e tirantes duplos, de lubrificação automatica durante um ano, estando as engrenagens embebidas em oleo e resguardadas por capacete.

Estes moinhos tiram agua seja qual fôr a profundidade, conduzindo-a a qualquer distancia e a qualquer altura.

Estamos habilitados para entrega imediata.

Construimos aéromotores para força motriz e para moagem, etc etc.

Travessa do Rosario, n.º 12

(A' praça da Alegria)

Tele { fone Norte 3449 / gramas **AEROMOTOR**

Obesidade — Artristismo

Mecanoterapia — Banhos de luz

ESTORIL-TERMAS

OS MELHORES

Estambres, cheviotes e fazendas de senhoras são os vendidos pelos fabricantes

ROSA & IRMAO

COVILHÃ

MAQUINAS DE ESCREVER

NOVAS e usadas. Reparações e reconstrucções garantidas. Accessorios. Quintino Ltd.ª. Tel. N. 3285. CALÇADA DO DUQUE, 3, 1.º (Junto ao Rocio).

RAPOZAS

E toda a classe de peles, curte por processos modernos (qualquer quantidade). Tinge em todos os tons, côres inalteraveis. Limpa com a maxima perfeição. Confecciona e tranforma pelos ultimos modelos. Tinturaria de fazendas. Preparação de mamiferos, aves, cabeças e meias cabeças para tapetes. Trabalhos perfeitos e garantidos. Sociedade Industrial de Cortumes e Peles de Abafo, Ltd. Fabrica em Bemfica. Escritorio, 49, rua das Pretas, 2.º (Esquina da Avenida).

Fabrica de moveis

GIL DIAS D'ASSUMPÇÃO

Fornecedor da Legação Britanica — Proprietario da antiga Fabrica de Moveis na

RUA DO SACRAMENTO, Á LAPA, N.os 29 a 33

Participa a todos os seus ex.mos clientes e amigos que reabriu, depois de completamente remodelada, a sua galeria de exposição de mobiliario artistico em varios estilos e que, como sempre sob a sua direcção de tecnico com longa pratica continua executando os solidos, elegantes e confortaveis moveis estofados genero inglês e americano (antiga especialidade da casa), esperando ficar devendo a honra de uma visita ao seu estabelecimento

29-33, Rua do Sacramento, á Lapa, 29-33

Telephone 1884 C.

PAPELARIA VIUVA MARQUES

TELEFONE C. 2676

LIVROS COMERCIAIS PARA ESCRITURAÇAO
ARTIGOS DE ESCRITORIO E DE FANTASIA

Tintas e material para desenhadores
Papeis continuos, tela, vegetal e Marion para desenho
Canetas com tinta—Caixas de papel de luxo

EXECUTAM-SE

trabalhos tipograficos e litograficos

Timbragem a relevo — Encadernações simples e de luxo

—— PREÇOS MODICOS ——

34 a 38, RUA DO OURO, 34 a 38

— LISBOA —

BOAS MOBILIAS

ANTIGA MARCENARIA DO DESTERRO

ABERTURA duma nova secção para venda directa ao publico pelo proprio fabricante e seu proprietario

Manuel Filipe da Silva Junior

Variado sortimento de magnificas mobilias em todos os generos, o que se fabrica de melhor e mais confortavel desde o mais modesto ao luxuoso.

Mobiliario no sistema americano para casas bancarias, escritorios comerciais, etc.

Exposição permanente para vendas directas por preços do fabricante sem receio de confronto nem competencia.

Rua do Desterro, 17 a 29

Para o RIO DE JANEIRO

com escala pela Madeira partirá a 23 de agosto o vapor

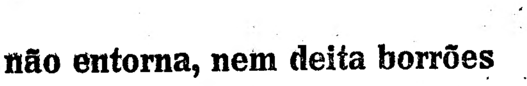
«Lourenço Marques»

Para carga e passageiros, tratar com o Comissariado da Exposição do Rio de Janeiro, na Sociedade de Geografia (rua Eugenio dos Santos) Lisboa, e Palacio da Bolsa, no Porto.

10:000 PALAVRAS

sem meter tinta, só escreve quem usa a nossa caneta de enchimento automatico

"TRIUNFO,,



Não suja, não entorna, nem deita borrões

PREÇO 20$00

Depositarios exclusivos

Papelaria da Moda

167, R. DO OURO, 173

DAS 5 PARTES DO MUNDO — ESTRANGEIRO — DAS 5 PARTES DO MUNDO

DEPOIS DE LONDRES

FOCH E DEGOUTTE PUZERAM-SE Á DISPOSIÇÃO DO GOVERNO

PARIS, 16.

O marechal Foch e o general Degoutte dirigir-se-hão hoje a Rambouillet o fim de se colocarem á disposição do conselho de ministros, que reune sob a presidencia do sr. Millerand.—(H.)

O Reich pagou mais 500.000 libras

LONDRES, 15.

Dizem de Berlim que o Reich pagou hoje 500.000 libras esterlinas nos oficios de compensação britanico e francês.—(H.)

A imprensa britanica defende a continuação da "Entente"

LONDRES, 16

A imprensa de Londres é de opinião que a «Entente» tem de continuar e que não pode de modo nenhum neste momento dar-se um rompimento nem mesmo um afastamento entre a Inglaterra e a França.

Todos os delegados são da mesma opinião, excepto Poincaré que não fez declarações algumas. O «Daily Telegraph», apoz acentuar que os ingleses estão novamente ansiosos para se encontrarem de acordo como nas horas tragicas de 1914, diz: «Nós estamos tão convictos como á França que é necessario obrigar a Alemanha a pagar dentro dos limites da sua capacidade e a conferencia talvez não resulte infrutifera se poder revelar ao povo francês que existe unicamente entre os dois países pontos de vista diferentes na aplicação do mesmo método.

A «Westeminster Gazette» declara que a opinião britanica está ansiosa por continuar a cooperar com a França e para que se possa chegar a um fim positivo: é necessario que os dois países prosperem unidos.

O «Manchester Guardian» afirma que o acordo entre a «Entente» não depende sómente de palavras ou de garantias escritas, mns sobretudo é necessario que exista um espirito de simpatia reciproca que una a França e a Inglaterra mais fortemente que qualquer documento ou acordo escrito.

O «Journal» diz que a Conferencia revelou unicamente um conflito de opiniões, fóra de todas as complicações de paz e que não deve de modo algum ser considerado de outra forma.

Os jornais não relataram a pequena mas sintomatica cerimonia a que Poincaré procedeu antes da sua partida para Paris. Acompanhado dos seus adidos dirigiu-se a Westminster Abbey, a fim de visitar o tumulo do Soldado Desconhecido. Após alguns minutos de profunda meditação depoz sobre a campa uma lindissima corôa com as fitas tricolôres. —(L. A.)

ENTRE ALIADOS

O FRACASSO DA CONFERENCIA DE LONDRES foi o resultado da atitude da França

O fracasso da Conferencia de Londres foi o resultado definitivo da atitude rigida e intransigente de Poincaré. Em face dela, Genova e Haia foram pequenos episodios, em que os adversarios, Poincaré e Lloyd George, mediram forças. Poincaré perdeu em Genova e teve umas aparencias de vencer na Haia, mas aparencias ilusorias, visto que nada de definitivo se resolveu nela.

Ha muito que a atitude da França e Inglaterra vinham precisando-se em sentidos contrarios. Mas emquanto Briand esteve no poder, as divergencias eram iludidas e combatidas. A finura de Briand e o espirito subtil de Lloyd George contrabalançavam-se, arrancando-se mutuas concessões; de aí a impossibilidade de se chegar a uma tensão que terminasse no rompimento.

* * *

Mas a politica de Briand, cujas vitorias eram feitas de concessões, não agradava a grande numero de franceses; o seu mais terrivel adversario, Poincaré, subiu ao poder, e a sua politica — forçoso é reconhece-lo — tem tido o aplauso quasi unanime da opinião francesa. E dizemos quasi, porque, no fundo de todas as aclamações, ha um germen de oposição futura fortissima quando os aplaudidos vêem caír os projectos que edificavam.

Briand, que não tem feito mais do que sorrir desde a subida de Poincaré ao poder, até mesmo aos mais sangrentos ataques de que tem sido alvo no Parlamento, falará logo que as consequencias do isolamento da França se fizerem sentir. E então, apoiado pelos acontecimentos, o seu genio oratorio, que é um contagio e uma feitiçaria, ha de fazer levantar uma oposição energica de Poincaré.

* * *

E' de crêr que nem os mais fanaticos admiradores de Poincaré, nem mesmo ele proprio, encararam seriamente a hipotese de que Lloyd George, o fino, o astuto, o conciliador, preferisse o rompimento a ceder.

Poincaré tinha a impressão de que Lloyd George impunha a sua vontade porque os outros não sabiam resistir; odiava a discussão e a dialectica porque se temia das meadas em que o «bruxo de Gales» acabava por envolver os que se lhe opunham. E então, delineado um plano de conduta ao subir ao poder, tomou a resolução de nunca o discutir — quem sabe se comsigo mesmo—porque uma vez, começada a discussão, não tinha a cérteza do que lhe aconteceria.

O plano estava feito, poder nenhum o obrigaria a modificá-lo.

O resultado foi o rompimento que representa evidentemente um cheque para a França. Ficou completamente só; nem a Belgica a auxiliou; e se se derem começo ás sancções anunciadas ver-se-ha transformar-se em hostilidade aberta a cortesia com que as outras nações assistiram á sua partida.

Agora que se deu o rompimento, que os factos se consumaram, aparece melhor a fôrça politica que a «Entente» dava ás nações que a formavam. Na hora da separação houve essa impressão nitida; e excepto Poincaré e Lloyd George que se conservou rigidamente mudo, excepto para dizer que a Inglaterra não regularia as dividas internacionais emquanto não fôsse concedida a moratoria, os outros delegados declararam empenhadamente que a «Entente» não devia acabar.

A imprensa britanica tem-se pronunciado unanime e calorosamente no mesmo sentido.

E que, até agora, a Italia, a França, a Inglaterra eram as nações que davam ordens á Europa e ao mundo, excepto aos Estados Unidos, a desunião, juntamente com as dificuldades de toda a ordem que todas elas atravessam, reduzia-as a si mesmo, terminando a sua influencia politica mundial.

* * *

E por isso sentiram todos, a França, mais que nenhuma, que a Entente não deve acabar,

Até á proxima Conferencia de novembro o trabalho ha de ser de aproximação. Duvidamos muito de que a França ponha em pratica as suas ameaças; a importancia da Entente ressalta agora mais que nunca.

Durante estes meses reconsiderar-se-ha, e em França devem dar-se modificações politicas que permitam então a todos os aliados, experimentados pelos acontecimentos, assentar num plano definitivo de paz, reparações e reconstituição europeia.

Poincaré não deve ir a essa Conferencia, em que provavelmente se definirão não só as relações com a Alemanha, mas tambem os preliminares das relações com a Russia.

PELA RUSSIA

O GENERAL WRANGEL VAI ATACAR OS BOLCHEVISTAS?

LONDRES, 16

O *Times* desta manhã publica um telegrama do seu correspondente em Berlim, dizendo que, tendo corrido em Odessa, o boato de que Wrangel iria ali desembarcar, as autoridades sovieticas tomaram medidas, ás quais os operarios não quizeram obedecer. Houve conflitos sangrentos durante os quais o comissario sovietico do porto e mais quatro agentes bolchevistas foram mortos. Do lado dos operarios tambem ha quatro feridos. —(H.).

DE ITALIA

Receia-se a morte de D'Annunzio

ROMA, 16

Todos consagram artigos ao grande poeta Gabriel D'Annunzio, lamentando o desastre que sofreu o poeta e desejando que as consequencias não sejam fatais. —(L. A.).

A situação politica

ROMA, 15

O senado votou uma moção de confiança ao governo. —(H.).

A CURA DAS DOENÇAS PELAS PLANTAS
2.ª edição.—Mais de 100 plantas para remedios caseiros. Pedidos a Antonio Ribeiro, rua N. da Trindade, 87. Preço, 1$00; pelo correio, 1$20.
Á venda nas livrarias e tabacarias

EM ARMAZEM

Serras de fita ou sem fim e de rolos.
Serras circulares.
Charriots.
Plainas combinadas, simples e de 4 faces.
Maquinas universais para carpintaria.
Maquinas de furar e rasgar madeira.
Maquinas de moldar.
Garlopas. Maquinas para afiar laminas de garlopa.
Fitas de serra e laminas circulares.

John M. Sumner & C.º
SUCESSOR
JOSÈ J. TEIXEIRA
29—Avenida da Liberdade—37
LISBOA

CAMBIOS E BOLSA
SAQUES SOBRE O ESTRANGEIRO
Compra e venda ás melhores taxas
EXECUÇÃO DE ORDENS DE BOLSA, TITULOS NACIONAIS E ESTRANGEIROS
Pancada, Morais & C.ª
Rua Augusta, 37 (esquina da R. de S. Julião)

Politeama
BREVEMENTE
As Flôres
com Angela Pinto e Amelia Rey Colaço

O BOM SUCESSO

Limpeza e conservação do calçado obtem-se uzando o CREME CRISTALINO
Sapataria Contente, L.da
74, RUA DO CARMO, 74

Mais economico
Venda a retalho
400 peças de excelentes fazendas de pura lã em exposição para fatos e vestidos nos depositos dos fabricantes Donas da Covilhã, para venda a retalho, desde 30 escudos cada córte de fato de 3 metros.
Vejam para crêr
LISBOA—R. dos Fanqueiros, 187, 2.º
PORTO—R. Fernandes Tomaz, 392-A

BAIRRO CAMÕES
DR. A. NARCISO
MEDICO
R. NOGUEIRA E SOUSA, 17-2.º
(á R. Luciano Cordeiro)

COMPANHIA DOS CAMINHOS DE FERRO PORTUGUESES
Concurso para a exploração do bufete da estação de Caldas da Rainha
Até ao dia 31 do corrente, ás 13 horas, receberá esta Companhia, na direcção geral, em Lisboa-Santa Apolonia, em carta fechada, propostas para concessão da exploração do bufete da estação de Caldas da Rainha, desde 1 de outubro a 31 de dezembro do corrente ano, devendo as mesmas ser endereçadas á direcção geral e com a designação exterior de:
Proposta para a exploração do bufete da estação de Caldas da Rainha
As condições da exploração em que é cedido o referido bufete, encontram-se patentes na estação de Caldas da Rainha e em Santa Apolonia na Divisão de Exploração.
Lisboa, 11 de agosto de 1922.—O director geral da Companhia, *Ferreira de Mesquita.*

STORES DE MADEIRA
RUA DO SECULO, 140

Gôta — Reumatismo crónico
Lamas — Duches — Banhos
ESTORIL-TERMAS

6 HORAS DA TARDE — ULTIMAS NOTICIAS — 6 HORAS DA TARDE

O NOVO CONTRACTO DE RADIO-TELEGRAFIA

hoje aprovado no Parlamento

OS SEUS TOPICOS

Como se diz no nosso extracto parlamentar, o Parlamento aprovou hoje a proposta de lei dos ministros das Colonias e Comercio que autoriza o contracto com uma Companhia Nacional, assistida de Marcones Company, para estabelecimento de novos postos de radio-telegrafia nas Colonias.

Diz, em parte, o relatorio:

—Presentemente não bastam as ligações estabelecidas pelo contracto de 1912. Impõe-se o aproveitamento da posição geografica de Cabo Verde...

—Deste modo completar-se-ha a organização radio telegrafica colonial de que hoje nos podemos orgulhar, pois que em Angola procedeu-se á instalação de 22 postos ligando o litoral com os pontos mais avançados do interior...

—Do exposto resulta a necessidade de negociar a revisão do contracto de 1912, substituindo-se por outro em que se entregue a uma Companhia Nacional a instalação e exploração dos postos necessarios para atingir importantes objectivos, *sem encargos para o Estado e antes com participação de receitas*, passando toda a rede para a posse do Estado findo o periodo de concessão...

— Portugal ficará assim com uma das mais importantes redes telegraficas do mundo. . .

O que dizem as bases do contracto

Alguns topicos das bases:

— Sede da companhia em Lisboa. O porto de Cabo Verde terá de comunicar com a America do Sul, Lisboa e Angola, o de Angola com Moçambique.

— As estações devem estar prontas a funcionar no praso maximo de 3 anos e meio.

—Será installada radio-telefonia e telegrafo dentro do país, mas sem prejuiso dos interesses e serviços do Estado.

— Concessão por 40 anos. Ao cabo, a companhia terá de entregar em bom estado todos os postos ao Estado.

— As taxas a cobrar não podem exceder a dos cabos submarinos e linhas terrestres.

— O pessoal da companhia será tanto quanto possivel português.

Sacadura Cabral em Belem

BELEM, 15

Chegou a esta cidade o ilustre aviador português Sacadura Cabral, que foi aclamadissimo por milhares de pessoas. Preparam-se festas em sua honra.—(A.)

ADVOGADOS

Pires do Vale
João de Vasconcelos
Luciano Barata

Acções e recursos em todos os tribunais civis, comerciais, criminais e militares.

Consultas orais e escritas desde as 11 ás 17 horas.

R. Augusta n.º 129, 1.º — *LISBOA*

A BORDO DO "CURVELO"

O PRINCIPE D. PEDRO DE BRAGANÇA

passa em Lisboa, a caminho do Brasil, e concede uma entrevista a um nosso redactor

"NO BRASIL NÃO HA QUESTÃO DE REGIME"

O *Curvelo* chegou hoje a Lisboa, em transito para o Brasil.

A bordo viaja sua alteza o principe D. Pedro de Bragança, que esta manhã desembarcou, acompanhado pelo sr. Belford Ramos, encarregado de negocios do Brasil.

* * *

Tivemos ocasião de trocar algumas impressões com sua alteza, quando almoçava no Tavares.

Na mesma mesa, o sr. Belford Ramos, sua esposa, uma outra senhora e o secretario da legação.

A orquestra tocava um fado plangente, onde perpassava a languidez das varias Mourarias. Vimos que sua alteza ouvia com atenção, talvez mesmo comovido.

O principe, uns 40 anos talvez, é um homem alto, louro e córado como um alemão, duma bonhomia constante, um sorriso franco sempre a bailar-lhe no rosto.

— O *Diario de Lisboa* pedia-lhe a subida honra de algumas palavras.

O sr. Belford Ramos apresenta o jornalista e a petição, com tanto interesse, que Sua Altesa logo se põe á nossa disposição:

— Queira preguntar.

— Vossa Altesa dirige-se ao Brasil, não é verdade?

— Sim.

— E não é indiscreção preguntar-lhe o motivo da sua viagem?

— Muito simples. Vou tratar de negocios. A par disso, tenho de ir arrumar o caso da herança que me pertence por morte de minha mãe.

Agora a pregunta mais arriscada, tratando-se de um principe:

— No Brasil, a questão de regime...

E a resposta:

—No Brasil não ha actualmente questão de regimen.

—Nem daqui a alguns anos?

—Não ha probabilidade dela surgir.

—A recente revolução no Brasil...

A orquestra calou-se e o nosso entrevistado tambem. Depois...

—Vossa alteza viaja incognito?

—Aqui, sim. Bem vê:—isto é uma viagem particular. Não é oficial.

—E no Brasil?

—Não.

—Está em boas relações com o governo?

—Absolutamente.

—Assiste á exposição do Rio?

—Sim. Ela vai constituir um enorme acontecimento.

—Foi convidado oficialmente para assistir a ela?

—Por emquanto não. Mas, se o não fôr, assistirei particularmente. Visitarei todos os Estados.

Para terminar:

—E depois?

—Regressarei á Europa.

—A' França?

—Sim. A Paris...

A' cidade-luz foi sempre o exilio preferido pelos principes sem trono e sem ilusões.

DEPOIS DA TEMPESTADE...

UMA BREVE PALESTRA

COM UM MILITANTE DA ORGANISAÇÃO OPERARIA

O atentado contra a esquadra da Boa Vista—Presos para juizo—Os de S. Julião da Barra — Ameaças a um chefe de policia

A greve geral terminou ontem á tarde. Virtualmente, ela já terminara de manhã, levando a Confederação Geral do Trabalho a publicar um manifesto, incitando os operarios a retomarem o trabalho.

—Qual será a atitude da organização operaria depois de tudo o que se passou?

Um militante operario, com quem hoje falámos, disse-nos.

—Isto por agora ficou suspenso. Os varios sindicatos vão reunir e estou convencido de que teremos daqui a algum tempo um movimento extensivo a todo o país contra a carestia da vida.

—Ha quem divirja da maneira como foi conduzida a greve.

—Não sei. Têm a palavra os sindicatos.

—O secretario geral da C. G. T. aceitará o cargo na comissão de estudo das causas da carestia da vida, para que foi nomeado pelo governo?

—Não sei. Mas estou convencido de que o Manuel Joaquim de Sousa não aceitará.

* * *

O chefe Adelino, com quem hoje falámos, declarou-nos já terem sido descobertos os autores do atentado contra a esquadra da Boa Vista. Estão presos José de Melo, de 24 anos, impressor, e José Eduardo da Silva, de 22 anos, servente de pedreiro.

A policia procura tambem os companheiros dos presos, Alfredo dos Santos e José de Carvalho, empregados da fabrica Perry Sons.

* * *

Do sr. Serafim Pinheiro recebemos uma carta em que afirma que não discursou á beira da sepultura do tipografo Guilherme Lima, como os jornais noticiaram.

***

Foram hoje enviados para juizo Alberto Luís dos Santos, Custodio Antonio, Antonio de Macedo, Carlos dos Santos, Antonio Marques Fontes e Filipe Rodrigues da Silva, acusados de incitamento á greve.

* * *

Na Torre de S. Julião da Barra, começaram hoje os interrogatorios dos presos que ali se encontram, por suspeita de lançamento de bombas.

* * *

Informam-nos do governo civil:

O chefe da esquadra dos Terramotos mandou encerrar o estabelecimento de bebidas da rua Maria Pia, 254, de Alfredo Jesus Vidal, por ali reunirem conhecidos gatunos e agitadores.

O mesmo chefe tem ultimamente recebido grande numero de cartas anonimas, ameaçando-o de morte.

Uma delas tem impressões digitais a sangue. Nela lhe dizem estar a vida dele, por momentos, na ponta dum punhal.

* * *

Cerca das 7 horas apresentou-se no Matadouro Municipal um grupo de soldados magarefes da Administração Militar que, até ás 10 horas, abateu 36 rezes. Como, porêm, o pessoal civil se apresentasse a retomar o serviço, os militares retiraram.

A SESSÃO PARLAMENTAR DESTA TARDE

não teve qualquer interesse

AS PROPOSTAS

A's 15,55 o sr. Nunes Loureiro (democratico) assume a presidencia.

O sr. Cancela de Abreu pede a palavra para interrogar a mesa.

O sr. Antonio Maia (independente):

— Não pode ser! Artigo 26.º do Regimento. Invoco o artigo 26.º do Regimento!

O sr. Cancela de Abreu insiste.

O sr. Abilio Marçal:

— Peço a palavra para invocar o Regimento:

O sr. Antonio Maia:

— Não pode ser! Invoco o Regimento para todos!

O sr. presidente dá a palavra ao primeiro orador que a pediu.

O sr. Cancela de Abreu pregunta se a discussão suspensa prossegue com o assunto que estava em debate, respondendo o sr. presidente que vai reatar-se a discussão das propostas de finanças.

O sr. Antonio Maia volta a invocar o regimento.

Posta a acta á votação, aprova-se e o sr. Cancela de Abreu requere a contra-prova, com contagem.

O sr. Antonio Maia:—Ora ai está!

—Por isso é que eu invoquei o regimento!

Pela contra-prova, volta a considerar-se aprovada a acta.

Cêrca de meia hora decorrida com este incidente, recomeça a discussão das propostas de finanças.

Tem a palavra o sr. Carvalho da Silva.

* * *

Meia hora depois de estar usando da palavra o sr. Carvalho da Silva está ainda no prologo do seu discurso. A sua analise ás propostas de finanças não é cerrada. Limita-se o vibrante deputado monarquico a classificar de «bolchevista» o imposto sobre a propriedade urbana.

A camara, desatenta—mau sistema—cavaqueia em pequenos grupos.

A certa altura o sr. Carvalho da Silva pregunta á presidencia:

—Sou eu que estou no uso da palavra ou os outros senhores deputados?!

A pregunta é justa. E tanto o é que se faz um silencio quasi calado—um silencio correcto, que não traduz interesse.

* * *

E' possivel que o sr. Cunha Leal ainda não discurse na sessão de hoje. O sr. Carvalho da Silva dá mostras de ter muito que dizer.

Marius de Araujo

Passou hoje o aniversario natalicio do pequenino Marius de Araujo, filho do nosso querido camarada de redacção Norberto de Araujo. Embrionaria esperança do talento e do caracter excepcionais que caracterisam para a nossa amisade e para todos os espiritos de justiça o temperamento do pai, o *Diario de Lisboa* cumprimenta o azougado Mario, fazendo sua a alegria do lar em que os seus anos se festejam.

ASSINATURAS DE VERÃO

DO

«DIARIO DE LISBOA»

O *Diario de Lisboa*, a fim de facilitar aos leitores que nesta quadra se deslocam para a provincia, a sua leitura, resolveu criar assinaturas por pequenos periodos, nas seguintes condições:

Preços:	10 dias	Esc. 1$00
	20 »	» 2$00
	30 »	» 3$00

Os pedidos devem ser dirigidos é administração deste jornal, acompanhados da respectiva importancia em vale postal ou carta registada, com as necessarias instruções.

Doenças das senhoras
Tratamento hidro-mineral
ESTORIL-TERMAS